

# *O público e o privado*

CADERNO DOS NÚCLEOS E GRUPOS DE  
PESQUISA VINCULADOS AO MESTRADO  
ACADÊMICO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E  
SOCIEDADE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO CEARÁ

**REITOR**

Prof. Dr. Jader Onofre de Moraes

**VICE-REITOR**

Prof. João Nogueira Mota

**PRÓ-REITOR DE POS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Prof. Dr. José Ferreira Nunes

**CENTRO DE HUMANIDADES**

Prof<sup>ª</sup>.Ms<sup>ª</sup>. Lena Lucia Espíndola R. Figueiredo

**CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS (CESA)**

Prof<sup>ª</sup>. Ms<sup>ª</sup>. Maria da Conceição Pio

**CONSELHO EDITORIAL**

**EDITOR**

Prof. Dr. João Tadeu de Andrade

**CONSULTORES INTERNOS**

Prof. Dr. João Bosco Feitosa dos Santos  
Prof. Dr. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes  
Prof. Dr. Francisco Horácio da Silva Frota  
Prof. Ms. José Filomeno de Moraes  
Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Maria do Socorro Ferreira Osterne  
Prof. Dr. José Jackson Coelho Sampaio  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Maria Barbosa Dias  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Celeste Magalhães Cordeiro  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Helena de Paula Frota  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sofia Lerche Vieira  
Prof. Dr. Ubiracy de Souza Braga  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Liduina Farias Almeida da Costa  
Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Maria Glauciria Mota Brasil  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elba Braga Ramalho  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Francisca Rejane de Bezerra Andrade  
Prof. Dr. Gisafra Nazareno Mota Juca  
Prof. Dr. Francisco Josênio C. Parente

**CONSULTORES EXTERNOS**

Prof. Dr. Manoel Domingos (UFC)  
Prof. Dr. Jawdat Abu-El-Haj (UFC)  
Prof. Dr. Pedro Demo (UNB)  
Prof. Dr. Ronald Chilcote (University California)  
Prof. Dr. Mariano Fernandez Enguita (Universidad de Salamanca)  
Prof. Dr. Luiz Jorge Wernek Viana (IUPERJ)  
Prof. Dr. Mauricio Domingues (IUPERJ)  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Alice Resende de Carvalho (IUPERJ)  
Prof. Dr. Adalberto Moreira Cardoso (IUPERJ)  
Prof. Dr. Paulo Filipe Monteiro (Universidade Nova Lisboa)  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lucilia Monteiro (Universidade Nova Lisboa)  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Celi Scalon (IUPERJ)

**PROJETO GRÁFICO**

Clarice Frota

**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**

Cristiê Gomes Moreira - Nupes

ISSN 1519-5481

O público e o privado. Fortaleza: UECE, 2003-. Semestral.  
Conteúdo: ano 4, n.7, Janeiro/Junho, 2006

1.Humanidades e Ciências Sociais

CDD 320.000

# Editorial

A presente publicação de *O Público e o privado* reúne um conjunto de reflexões ricas e plurais em torno dos sertões. São imersões instigantes neste território multifário em que espaço, gentes, imaginário, literatura, águas e mito mostram suas vizinhanças e circularidades. Para o leitor de algum modo familiar a lajeiros e varandas destas terras, os olhares dos articulistas são um convite a desconstruir as percepções viciadas pela ideologia de certos modernismos recentes, como o turismo e o agronegócio, que reduzem em muito a largura e imprecisão de tantos sertões e caatingas em nossa nordestinidade.

Nesta edição temos a escolha de um único tema, que facilita a exploração de diversos ângulos, e assim confere densidade e fartura a esta colheita de inspiradas reflexões. É oportuno enfatizar que na discussão crítica sobre categorias como identidade cultural, imaginário, conflitos, história, região, fronteiras, dentre outras, os autores criam diálogos necessários com as políticas públicas, estas constituindo empreendimentos ativos na transformação da vida sertaneja, ao longo de diversos governos e circunstâncias. Certamente os tantos poços cavados pelo DNOCS, as frentes de serviço e a construção de barragens, a eletrificação e as escolas, como ainda os desvios de verba e os currais eleitorais, são ingredientes irrecusáveis plantados pela política no cotidiano de milhares de sertanejos. Os laços sutis destes enredamentos são revelados nas análises que se seguem.

Boa leitura!

Prof. Dr. João Tadeu de Andrade

Editor



# Apresentação

*Iniciei a viagem  
às quatro da madrugada  
tomei o carro da brisa  
passei pela alvorada  
junto do quebrar da barra  
eu vi a aurora abismada*

(Santos, Manoel Camilo: Viagem a São Saruê)

Quando, no romance de Guimarães Rosa, o narrador intenta definir sertão sempre surgem frases enigmáticas, como tentativas de falar do limite do narrável e do compreensível e que implicam aceitar o paradoxo: “o senhor tolere, isso é o sertão” (1983,9); “sertão é isso: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor pelos lados. Sertão é quando menos se espera; digo.” (185.); “O *gerais* corre em volta. Esses *gerais* são sem tamanho” (9). Cabe ao leitor a tarefa de decodificar, se puder: “conto ao senhor o que eu sei e o senhor não sabe; mas o principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba” (164).

O lugar onde “Deus, se vier, que venha armado” é, por definição, difícil de ser incorporado à lógica do planejado, à lógica de um devir Brasil/Nação/Estado. O esertíssimo narrador nos assegura isso: “difícultoso, mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra” (126) e a trajetória de um dos principais personagens, Zé Bebelo replica os dilemas, pois esse comandante de volante e candidato a político torna-se jagunço para vingar a morte do chefe jagunço que lhe poupou a vida (Rosa, *ibidem*).

Quando colocamos hoje nossos olhos sobre as cidades e vilarejos que são nominados em *Grande Sertão: Veredas*, algumas das assertivas não mais vigem – “é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador” (9) – mas outras, mais enigmáticas nos aprisionam: “A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele adentro”. Dobra-se e invagina-se em cada um de nós a dizer que “Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, questão de opiniões... O sertão está em toda a parte” (9).

Guimarães Rosa, como escritor, tem uma liberdade que nós cientistas sociais não temos. O caminho para seu sertão não precisa passar por uma dialética entre os lugares e os eventos embora mais de um crítico tenha se detido na incrível capacidade de alinhar lugares e pessoas que realmente existiram, na trajetória-travessia dos narradores que ele criou.

# Apresentação

A liberdade a que nos referimos é a de não dizer “que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa” (Barthes, 1987), a saída que a literatura dá aos dilemas das ciências sociais é o trapacear com a linguagem, ou seja, com a única coisa que é real que é a capacidade de simbolizar. Essa trapaça é o poder da linguagem por onde ela se mostra maior que a ciência, cujas assertivas cada vez mais precisam ser compreendidas por seus produtores como efeitos de poder, no que há de estratégico e problemático nisso. Efeitos de relações e tensões desiguais entre grupos que contínua e simultaneamente são criados e ocultos nos fazeres.

Ver por esse prisma implica que a negação da trapaça acima leva a outros diferentes engodos e arapucas. E essas aparecem de vários modos em diversos autores, alguns que até se afirmam sertanejos, nas formas como definem o sertão relativamente aos outros termos de seu campo de significados (seus habitantes humanos – sertanejos, romeiros, jagunços, peregrinos, quilombolas, índios – ou nem tanto – jaguares, caiporas –, suas paisagens – vegetação, rios, roças – e etc.) e como ele surge, substantivo ou adjetivo, frente às pessoas: um espaço ou uma qualidade. Sobre aquele queremos distinguir rapidamente três formas em que ele comumente aparece, pois são fundamentais para entender tanto as políticas públicas como a discussão que perpassa esse dossiê: o geográfico (certamente o mais fetichizado), o imaginado que trafica com o efeito de verdade (pensamento social), o que se nega aceitar caber nas conceituações que são feitas sobre si, mantendo sempre um rumor de fundo nos conceitos e que, por não ter palavra melhor, vamos chamar de vivido.

No primeiro caso, tudo se passa como se a relação entre eventos no tempo e espaço se quebrassem e o último surgisse “naturalmente”, denotativamente. Manuel Corrêa de Andrade (1998) tem um papel de destaque ao criar um mapa da região Nordeste que grosso modo identifica sertão e semi-árido, reduzindo o primeiro termo a um clima, ou alçando este último a outros sentidos. Em que pese a ousadia do geógrafo, essa tentativa é pouco produtiva para os interesses do grupo de autores que se reúnem neste dossiê, pois, por um lado, parece operar entre muitos pesquisadores da região nordeste como se não houvesse sertão fora dela, o que colocaria o sertão de Guimarães Rosa fora da região, assim como o planalto central onde se construíram Brasília e Goiânia.<sup>1</sup> Por outro lado, ainda no nordeste, pode atuar como uma carga pejorativa extra, como indicam as falas piauienses discutidas por Dione Morais, em que as pessoas não mais falam em sertão, preferindo “interior”.

A segunda possibilidade, o espaço inventado pelos narradores da nação, tem longa tradição na sempre tensa e fértil relação entre literatura e ciências sociais no Brasil. Neste caso, como apontou Marcos Paulo Schettino (1995), vários

# Apresentação

autores pensaram esse espaço como oposto ao litoral, ou à civilização ou ao Estado. É sobre esse sertão que se criaram as grandes políticas públicas salvacionistas brasileiras e se operacionalizou, desde a independência e a partir dos poderes públicos radicados no litoral (no Rio de Janeiro, capital da república até 1960), o grande experimento com seres humanos que se chamará nação brasileira.

Nessa coletânea dois textos retratam avessos desses projetos. Andréa Borghi Jacinto mostra o quanto o processo de formação de margens e de lugares a serem sacrificados, que subjaz a esse discurso, se complexificou com a construção de Brasília e Goiânia. Já Christianne Evaristo e Selma Senna mostram o profundo descaso a que têm sido submetidos os mais de vinte mil atingidos da barragem Castanhão-CE, desde o começo de sua construção até hoje e as estratégias adotadas pela população afetada para reivindicar direitos e solucionar dilemas. Em comum há, que esses grandes projetos, da mesma maneira que a maioria dos demais implantados na região, foram realizados como se essas terras fossem desabitadas mas ao surgirem criaram novos centros e entornos, desorganizaram modos de vida e deslocaram pessoas e significados.

O terceiro sentido talvez seja o mais escorregadio pela situação altamente protéica de seus elementos. Toda afirmação-definição deve ser lida sob rasura, a começar pela que se segue: é onde os sertanejos nascem/moram/morrem. Um complexo jogo de deslizamentos opera aqui, de forma que quando confrontados com as imagens que lhes são associadas, os agentes que vivem nesse espaço real e mitológico se vêem sub ou mal-representados. Uma leitura cruzada dos textos de Zaíra Turchi – que explora a construção literária do jagunço, principalmente marcada pela violência – e de Dália Maia e Peregrina Cavalcante – que nos enredam nas sangrentas brigas de famílias no sertão dos Inhamuns – retomam, partindo de pontos diferentes, alguns dos principais modos de representar as pessoas que são/estão (no) sertão.

Os artigos reunidos discutem todas estas ambigüidades: “Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo” (Rosa, 1983,113). O sertão não precisa estar em oposição ao litoral (ou à capital, como no caso específico do Ceará em que as cidades litorâneas afastadas de Fortaleza são sertão) para ser compreendido como o pólo subalterno do que se torna uma relação de violenta hierarquia. No conjunto os textos operam a desconstrução do tema, fazem visível o pólo ocultado, mostram a região dentro do que Derrida (1973) chama de a lógica do “suplemento”, algo que aparentemente é inferior, ou menos importante, mas é aquilo que permite a construção do pólo dominante. Espécie

# Apresentação

de fronteira interna sempre móvel, onde começam a se fazer presentes e visíveis as aporias do projeto nacional, pelo embate de diferentes sistemas simbólicos e seus projetos de apropriação do espaço e do tempo pelos agentes envolvidos, sejam eles “locais” ou “vindos de fora”.

No conjunto está-se jogando com os grandes paradoxos escondidos nas várias e conflitantes etimologias do vocábulo sertão. No dicionário Houaiss encontramos “na opinião de certos autores, o vocábulo seria evolução do latim \**desertānu-*, com operações fonéticas ainda não suficientemente esclarecidas”, e se verificamos a etimologia que Houaiss apresenta para deserto (“latim *desertus, a, um*, particípio passado de *deserere* ‘abandonar, desprender-se, isolar-se’, já substantivado no neutro latino *desertum, i* ‘local árido e sem vegetação, área despovoada, erma, vazia’), verificamos que essa vacuidade pode ser resultado de uma ação, a ação de desertar (“tornar [lugar] deserto, ermo; abandonar, deixar, despovoar”): a ação dos que Euclides da Cunha, um dos paradigmáticos criadores do imaginário sobre a região, chamou “fazedores de desertos”.

Contudo, observa Walnice Nogueira Galvão (2001) que esta etimologia é falha, e a palavra vem da língua bunda, de Angola: “*muceltão*, bem como sua corruptela *certão*, é dado como (...) um lugar que fica no centro ou no meio das terras. Ainda mais, na língua original era sinônimo de ‘mato’, sentido correntemente usado na África Portuguesa, só depois ampliado para ‘mato longe da costa’ (16, grifos no original). Algo que finalmente nos remete ao significante negro sempre negado na construção da nação, situação que Guerreiro Ramos criticou sistematicamente em seus escritos. Afinal, se temos “um sertão chamado Brasil” (Lima 1998), temos também que “no Brasil, negro é povo” (Ramos, 1995).

No pensamento social, o sertão já foi de um tudo. Mas sua marca maior é negativa. “Senhor vê, o senhor sabe. Sertão é o penal, criminal” (Rosa, 1983, 81). Por um lado, é descrito como lugar de conflituosa política, de heróis anônimos mas também de apagamento de rastros. Se é o lugar no imaginário do *homo sacer* (aquele que pode ser morto, mas não pode ser assassinado) é o lugar da insurgência de onde muitas vezes tentam emergir da cadeia de escombros que Benjamin (1985) chamou de progresso, desestabilizando as imagens do Brasil. Um “espaço” que se configura na ideologia do estado nacional brasileiro como aquele em que as vozes locais devem ser silenciadas qualquer que seja sua tentativa de irrupção. Silenciamentos marcados por massacres (Canudos, Caldeirão, Serra Talhada, Trombas e Formoso, Contestado, Eldorado dos Carajás etc.) e pelo uso do exército, como

# Apresentação

se esses “sertanejos” fossem uma potência estrangeira invasora (José de Souza Martins, 1986). O sertão pode ser aniquilado, mas não vencido?

Talvez, pois, como também é qualidade, sinônimo de selvagem, inculto, indômito, atrasado, agreste, indisciplinado etc., a permanência do sertão é inerente à da humanidade, apesar de todas as intenções civilizadoras, o que tem provocado lamentos e reações em muitos planejadores públicos. Mas qualquer forclusão tem seu preço: o seu retorno alucinatório. Se assim é, está passando da hora de prestar contas aos mortos.

Apesar dos efeitos de tantas políticas públicas insensíveis às dores humanas que as populações *sertanejas* vão sofrendo (deslocamentos forçados por barragens, plantações de eucaliptos, soja e cana, uma reforma agrária que não se concretiza, construção de cidades, etc.), há um último significado do termo que muito instiga esse grupo. É que, seja “no meio de terras”, ou “longe da civilização”, mas principalmente pelas resistências veladas dos subalternos que nele habitam, o sertão parece configurar-se, nas falas de vários agentes registrados ou criados, como um espaço de produção, não só de um riquíssimo imaginário, como em Felipe Berocan – que nos remete a um *sujeito total* que se institui fora da corrente da *civilização* –, como também lugar de fartura, como em Nei Clara de Lima. Aqui as pessoas conseguem manter relações de solidariedade e antagonismo que se negam a serem absorvidas pelas lógicas panópticas, fordistas e contingenciadoras que tanto estão implicadas nos “projetos civilizadores” nacionais, e por isso é um *locus* privilegiado para exercer a vocação crítica das disciplinas das ciências sociais.

O conjunto de textos apresentado aqui é resultado da confluência de duas veredas e de alguns olhos d’água.

O grupo de estudos criado por Mireya Suarez na UnB na década de 1980 e o grupo criado por Carlos Brandão na Unicamp na mesma década. Fios d’água dessas veredas se extraviaram por alguma desconhecida lei hidrológica e foram brotar na UFG com Selma, Nei e Cintya, na UEM com Andréa Borghi e na UECE com Roberto.

A esses se juntaram Gil Jacó, Dália e Peregrina do Ceará, Dione do Piauí, Felipe do rio de Janeiro e Zaíra de Goiás. Todos esses caminhos de água se encontraram em Goiânia para comemorar 50 anos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, no Grupo de Trabalho *Sertão: sentidos e re-sentidos* do qual recolhemos essa série de artigos.

# Apresentação

*Ah, tempo de jagunço tinha mesmo  
de acabar, cidade acaba com o sertão.*

*Acaba?*

(Rosa, 1983,121)

*O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito  
perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é  
que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me engoliu,  
depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração?*

(Idem, ibidem, 413)

Roberto Lima, Giovani Jacó e Selma Sena  
(Organizadores)

# Apresentação

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. 1987. *Aula*. São Paulo: Cultrix
- BENJAMIN, Walter. 1985. Teses Sobre a Filosofia da História. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense. (tradução de Sergio Rouanet).
- BEROCAN, Felipe. 2006. O profetamento dos bichos.
- CORREIA de ANDRADE, Manuel. 1998. *A terra e o homem no nordeste*. Recife, UFPE.
- DERRIDA, Jacques. 1973. *Gramatologia*. São Paulo, Perspectiva.
- CUNHA, Euclides. 1967. *Contrastes e confrontos*. São Paulo, Lello Brasileira.
- GALVÃO, Walnice. 2001. *O Império de Belo Monte*. São Paulo, Perseu Abramo.
- GOMES, Gustavo Maia. 2001. *Velhas secas em novos sertões*. Brasília, Ipea.
- JACINTO, Andréa Borghi. 2006. *Margens Escritas*.
- LIMA, Nei Clara. 2006. Os crespos do sertão.
- LIMA, Nísia Trindade. 1998. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro, IUPERJ.
- MORAIS, Dione. 2006. Ainda queremos ser...tão?
- RAMOS, Guerreiro. 1995. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- RODRIGUES, Cintya Maria. 2006. A região da aldeia.
- ROSA, João Guimarães. 1983. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo, Abril.
- SCHETTINO, Marco Paulo. 1995. *Espaços do Sertão*. Dissertação de mestrado apresentada no PPGAS/UnB
- TURCHI, Zaira. 2006. Jagunço e Jaguncismo: história e mito no sertão brasileiro.

<sup>1</sup> Ao retomar o mapa de Corrêa para explicar o nome de seu livro, Gustavo Gomes (2001) mostra que o título está tecnicamente errado, mas que o nome sertão traz consigo “uma carga simbólica infinitamente mais forte que sua alternativa técnica [...] imagine-se um livro intitulado *velhas secas em novos semi-áridos!*” (17).



# Sumário

DIONE MORAES

Ainda Queremos Ser...Tão?

(Reflexões sobre Identidade Cultural e Imaginário de Sertão no Piauí).....15

CHRISTIANNE EVARISTO DE ARAÚJO e CUSTÓDIA SELMA SENA

A Represa Castanhão e o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).....37

CINTYA MARIA COSTA RODRIGUES

A Região da Aldeia:

Os Pressupostos Geográfico-Espaciais da Literatura Goiana

e a Construção do Sudoeste de Goiás.....57

DÁLIA MARIA B. MAIA e PEREGRINA FÁTIMA CAPELO CAVALCANTE

Sertão, espaço e tempo:

conflitos de Famílias e Vingança Privada.....83

ANDRÉA BORGHI MOREIRA JACINTO

Margens escritas:

literatura, espaço e o Entorno do Distrito Federal.....99

MARIA ZAÍRA TURCHI

Jagunço e Jaguncismo:

História e Mito no Sertão Brasileiro.....121

FELIPE BEROCAN VEIGA

“Profetamento dos bichos”:

Visões e Reminiscências de Viagens em Busca do Sertão de Goiás.....133

NEI CLARA DE LIMA

Os Crespos do sertão.....151

LUIZ SÉRGIO DUARTE DA SILVA

Teses sobre Sertão e Cidades de fronteira:

Labirinto e Barroco.....171